

PMDB enfrenta fantasma do racha definitivo

Vitória do *Centrão* expôs divergências internas que muitos já julgavam insuperáveis

OREJANE DE OLIVEIRA
Da Editoria de Política

Ulysses Guimarães tem escondido até hoje as suas graves divergências internas. E que começa a fragmentar-se.

Quem tenta estabelecer uma relação entre os destinos da UDN e do PMDB é a deputada Sandra Cavalcanti (PFL/RJ). Na opinião dela, assim como ocorreu no passado, o partido do deputado Ulysses Guimarães vai "murchar" consideravelmente após a Constituinte. Os dois extremos, direita e esquerda, migram para outras legendas, enquanto o centro toma conta da velha sigla depurada. Quem ficou com a UDN foi o grupo do brigadeiro Eduardo Gomes. Quem ficará com o PMDB, pelo menos segundo acredita a deputada carioca, se-

rá a ala identificada com políticos como Ulysses Guimarães e José Richa.

Sandra não é a única que aposta na divisão do PMDB após a Constituinte. Políticos de todas as alas, incluindo os mais destacados peemedebistas, reconhecem que o episódio do *Centrão* representou, se não uma sentença de morte, pelo menos a certeza de uma grande reformulação no partido majoritário tão logo seja promulgada a nova Constituição Federal. E mais: a partir da implosão do PMDB, o País conhecerá uma nova configuração partidária, baseada mais em concepções doutrinárias que nos interesses imediatistas que dominam hoje a cena política.

EUGENIO NOVAES



Covas perdeu muito com a vitória do *Centrão*, enquanto Ulysses soube recuperar prestígio com o episódio

Covas: uma das correntes sairá

vas, contudo, gravitam mais de cem "progressistas" que ameaçam desertar do partido. O mineiro Pimenta da Veiga, ex-líder na Câmara, é um dos que estão se articulando intensamente no sentido de montar as bases para a nova legenda que os abrigaria.

Não é certo, contudo, que seja a esquerda a abandonar o PMDB. A despeito da vitória do *Centrão*, o senador Fernando Henrique Cardoso acredita que o encolhimento do seu partido será precedido de uma intensa disputa interna pelo poder. A legenda ficará nas mãos do grupo que conseguir maioria nos diretórios peemedebistas, vencendo as convenções partidárias marcadas para o primeiro semestre de 88.

No momento, os peemedebistas alojados no *Centrão* são francos favoritos numa eventual disputa com a esquerda em torno do controle da legenda. Mas a política é dinâmica e pode perfeitamente ocorrer o inverso. Neste caso, seriam os centristas que partiriam para a criação de um novo partido, que pinçaria parlamentares hoje filiais a diferentes partidos. O moderado José Lins, do PFL, já admitiu que esta hipótese vem sendo discutida no grupo.

Para o senador Jarbas Passarinho, presidente do PDS, a fragmentação do PMDB terá reflexos sobre todos os demais partidos. Ele prevê que, logo

em seguida à promulgação da Carta Magna, haverá uma reaglutinação significativa das forças políticas, com a fundação de novos partidos e incorporação de outros.

A nova configuração partidária, segundo acredita o senador paraense, privilegiará as convicções doutrinárias dos políticos, reduzindo o grau de imediatismo eleitoral que marca as atuais agremiações. Nem por isso, a seu ver, desaparecerão no primeiro momento o que o dirigente pedessista chama de "parasitas de siglas".

Esta previsão de Passarinho é compartilhada pelo senador Fernando Henrique Cardoso, para quem as disputas regionais ainda não permitirão a constituição de siglas efetivamente ideológicas no próximo ano. Ainda assim, a depuração será significativa e um passo importante no sentido de dotar o País, em futuro relativamente próximo, de um quadro partidário estável.

Mais otimista, o deputado Egidio Ferreira Lima (PMDB/PE) está convencido de que emergirá da Constituinte, em termos partidários, um Brasil inteiramente novo, onde esquerda e direita estarão bem delineadas e agrupadas sob siglas próprias. E este País de legendas fortes que, a seu ver, demonstrará ter maturidade para a instituição do parlamentarismo.

A. C. SCARTEZINI
Especial para o CORREIO

As avaliações do Planalto em torno das consequências da mudança do Regimento da Constituinte, imposta pelo *Centrão* na última quinta-feira, indicam a queda do prestígio do senador Mário Covas como comandante da esquerda e apontam a valorização ainda maior do deputado Ulysses Guimarães, que se tornou o líder mais credenciado a articular o entendimento entre as várias correntes de constituintes.

Caíu o prestígio de Covas porque revelou-se desastrosa e sua manobra de retirar a esquerda do Plenário, na quinta-feira, para impedir o quorum necessário à mudança do regimento. A retirada foi o reconhecimento tácito de que a sua corrente é minoria na Constituinte e não possui condições de enfrentar o *Centrão* no voto.

No entanto, Covas terá de negociar com o *Centrão* daqui para a frente, negociação que refugou antes, mas da qual agora terá de participar em condições menos favoráveis — como a reforma impôs o voto mínimo de 280 constituintes para a aprovação de cada ponto da Constituição, o texto final terá de ser negociado a cada item entre as correntes.

A negociação deve ser desgastante para Covas por causa da veemên-

cia com que recusou antes o entendimento. "Mostrem o número de vocês", desafiou Covas ao *Centrão*, numa das reuniões na casa de Ulysses. "Vamos, mostrem o número que vocês têm", insistiu o senador em desafiar os brios do grupo diante do deputado Ricardo Fiuza.

Se negociasse naquela época, certamente o senador conquistaria para a esquerda condições mais vantajosas do que agora. Pelo menos, o próprio *Centrão*, naquele tempo, tinha receio em testar a sua força e por isso insistia no entendimento. Mas agora já deu sua demonstração de força, exibiu o número de votos que o senador exigiu e pode apresentar à esquerda uma conta mais alta para outros entendimentos.

A esquerda, de um modo geral, errou ao exagerar na dose com que mobilizou as galerias da Constituinte contra o *Centrão* na votação de quinta-feira. Agora deve ser exigido um controle mais rigoroso do acesso popular. Diante daquela massa, os indecisos de quinta preferiram votar contra a esquerda.

Subiu o prestígio de Ulysses Guimarães porque ele, como presidente da Constituinte e do PMDB, não ficou mal com ninguém na quinta-feira. Atendeu à esquerda na medida em que buscou o entendimento entre ela e o *Centrão*. Não podem os esquerdistas se queixar de abandono por parte de Ulysses.

Ficou bem com o *Centrão* pela

mesmo razão e porque levou até o fim a sessão em que aprovou-se a mudança do Regimento apesar de dispor de vários motivos para suspendê-la, como o tumulto nas galerias. Por tudo isso, nem precisou assumir, durante todo o processo, uma posição favorável aos centristas.

Com o prestígio mais alto, passa a colecionar melhores condições para dirigir os entendimentos que serão necessários para levar avante a aprovação do texto constitucional. Essa credencial reforça ainda a sua representação para intermediar os negócios entre a Constituinte e o Planalto.

A bordo da mesma sorte e competência, terá agora de administrar também as relações entre o plenário da Constituinte e as galerias. Depois dos acontecimentos de quinta-feira, a presidência da Assembleia deve receber reclamações para que conceda maior segurança aos constituintes.

As avaliações feitas no Planalto incorporam ainda a autocritica sobre o desempenho que a Presidência da República passa a esperar da Constituinte a partir da derrota da esquerda na mudança do Regimento. Nessa fase, reconhece-se que o maior trabalho, daqui em diante, será o de convencer o presidente Sarney de que o *Centrão* não é seu aliado permanente.

Admite-se que apenas episódica-

mente a posição do grupo coincidiu com a do Planalto quanto à necessidade de superar o bloqueio da esquerda e mudar as regras. No entanto, a euforia com que Sarney recebeu o resultado da votação de quinta indica que o Presidente pode considerar permanente a aliança. "Há um Brasil novo, vocês conseguiram criar um Brasil novo", disse Sarney.

Na realidade o Brasil novo do *Centrão* pode ter sido apenas aquele da votação de quinta. Nas outras questões, o grupo pode rachar porque estarão em jogo interesses específicos e localizados, como os que envolvem o sistema de governo e a duração do mandato presidencial de Sarney.

Receia-se, enfim, que a euforia de Sarney torne-se inconsequente como a euforia da esquerda com o seu controle sobre a Comissão de Sistematização. Admite-se no Planalto que a euforia da esquerda a levou a desprezar a maioria silenciosa da Constituinte — os 466 constituintes que não tiveram acesso às privilegiadas 93 cadeiras da Comissão.

A recusa de Covas ao entendimento com o *Centrão* seria uma consequência da euforia que se gerou com o domínio da Comissão mais a certeza de que nada mudaria as regras anteriores, pelas quais seria preciso reunir 280 votos, para derubar os pontos aprovados pela Sistematização até que a mudança invertesse a equação.